

OS GÊNEROS DO DISCURSO

6 aula

META

Evidenciar a relação entre gêneros do discurso e gêneros literários; salientar a historicidade e heterogeneidade dos gêneros discursivos (orais e escritos), incluindo as manifestações do discurso científico e os gêneros literários; e enfatizar a importância do estudo dos gêneros do discurso no ensino de línguas (nacional e estrangeiras).



(Fonte: <http://www.cisi.com.br>)

OBJETIVOS

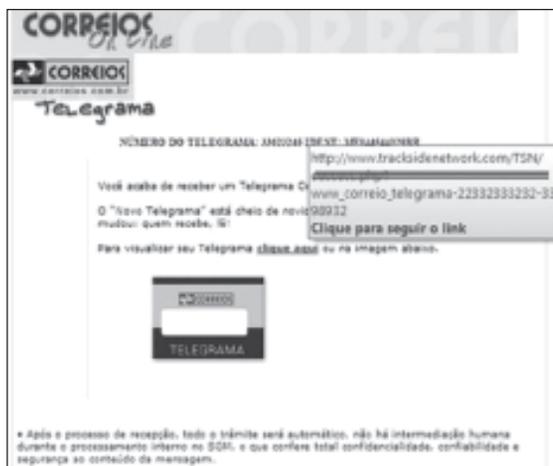
Ao final desta aula, o aluno deverá: definir os gêneros literários como gêneros discursivos; estabelecer as relações e diferenças entre o enunciado como unidade da comunicação discursiva e as unidades da língua (palavras e orações); e reconhecer a historicidade e heterogeneidade dos gêneros discursivos e literários.



(Fonte: <http://www.metaexecutiva.com>).

PRÉ-REQUISITOS

O aluno deverá ter noções sobre a historicidade do conceito de literatura; da relação entre História Literária e ensino da Literatura; e sobre conceito e classificação dos gêneros literários, segundo suas estruturas formais e condições de produção.



(Fonte: <http://professor-abrahao.blogspot.com>).

Nesta aula, caro aluno, você aprenderá que os gêneros literários podem ser concebidos como gêneros discursivos, uma vez que são compostos por enunciados que funcionam como elos de uma complexa e multiforme cadeia de discursos, os quais são materializados em formas – estruturais, composicionais, temáticas e estilísticas – mais ou menos estáveis, isto é, em gêneros, e se efetivam em uma situação de

INTRODUÇÃO



Bakhtin

Linguísta e crítico literário russo (1895-1975). Estudou Filosofia e Letras na Universidade de São Petersburgo. Viveu em Leningrado após a vitória da Revolução de 1917. Entre os anos 24 e 29, conheceu os principais expoentes do Formalismo Russo e publicou *Freudismo* (1927), *O método formal nos estudos literários* (1928) e *Marxismo e Filosofia da Linguagem* (1929), sendo esta última sua obra mais célebre. Assinada com o nome de seu amigo e discípulo Volochínov, só a partir dos anos 70 teve difusão e reconhecimento importantes, e apenas recentemente veio a ser confirmada a sua autoria.

comunicação discursiva.

Assim, primeiro você verá a classificação, proposta por **Bakhtin**, entre gêneros primários e gêneros secundários, observando a relação dialógica que eles mantêm tanto em seu processo de construção quanto em suas formas. Para tanto, será necessária uma explicação acerca do conceito bakhtiniano de “enunciado”, de suas principais características e de seus elementos constitutivos, apresentando-o como uma unidade da comunicação discursiva, e não como uma unidade da língua.

Em seguida, você verá que os enunciados só podem ser entendidos em sua inter-relação com enunciados anteriores e com as respostas, ou compreensões responsivas, que eles suscitam ou podem suscitar. Desse modo, verá que a figura do destinatário é de fundamental importância nos processos de construção e funcionamento dos enunciados, principalmente nos gêneros literários. Espera-se, ao final da leitura desta aula, que você seja capaz de perceber a importância do estudo dos gêneros do discurso no ensino de línguas, nacional ou estrangeiras.

De acordo com as *Diretrizes Curriculares dos Cursos de Letras*, publicadas pelo Parecer CNE/CES 492/2001, o objetivo de tais cursos é o de formar profissionais “interculturalmente competentes” e conscientes de sua inserção na sociedade, capazes de lidar de modo crítico com as linguagens, especialmente a verbal, nos contextos oral e escrito. Independente da habilitação escolhida, o profissional de Letras precisa ter o domínio do uso da língua – ou línguas – que seja(m) objeto de estudo, levando em conta suas variedades lingüísticas e culturais, bem como ser capaz de refletir teoricamente sobre a linguagem e fazer uso de novas tecnologias, concebendo sua formação como um processo contínuo e autônomo. Além disso, deve estar capacitado a refletir criticamente sobre temas e questões relevantes aos conhecimentos lingüísticos e literários (OLIVEIRA e CORRÊA, 2008, p. 45).

GÊNEROS LITERÁRIOS

Contudo, não devemos dissociar tanto os estudos lingüísticos dos literários, uma vez que ambos os tipos de conhecimento se relacionam intimamente, como vimos na Aula 1, ao tratarmos da importância da lingüística estrutural no processo de constituição da Teoria da Literatura como disciplina acadêmica. Ademais, um curso de Letras tem que proporcionar uma sólida formação básica ao aluno, possibilitando-lhe o desempenho profissional em várias funções, tais como professor, pesquisador, crítico literário, tradutor, revisor de textos, roteirista, secretário ou assessor cultural, etc.

Assim, depois de estudarmos os gêneros literários, na aula anterior, é preciso que saibamos que há gêneros para todo tipo de manifestação verbal, oral ou escrita, e não somente para obras de arte ou textos literários, uma vez que todos os diversos campos da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem. Para Bakhtin (2003, p. 261-262), se o emprego da língua efetua-se em forma de enunciados, os quais são proferidos pelos integrantes dos vários campos de atividade humana, tais enunciados refletem as condições e finalidades de cada campo em seu conteúdo temático, no

estilo da linguagem e em sua “construção composicional”, razão por que, embora cada enunciado particular seja individual, cada campo de utilização da língua elabora seus respectivos “gêneros do discurso”.

O motivo pelo qual os gêneros do discurso não haviam sido objeto de preocupação dos teóricos da linguagem nem dos críticos literários, segundo o autor, devia-se ao fato de que a diversidade dos gêneros discursivos (orais e escritos) é multiforme e inesgotável, assim como são variadas e heterogêneas as atividades humanas: as breves réplicas do diálogo cotidiano; o relato do dia-a-dia; a carta; o comando militar padronizado; os documentos oficiais; as manifestações publicísticas (jornalismo, publicidade, propaganda, etc.); as manifestações científicas e os gêneros literários, entre outros.

Os únicos gêneros estudados, desde a Antiguidade, foram os gêneros literários, mas apenas do ponto de vista artístico-literário, e não como tipos de enunciados, diferente dos outros, mas dividindo com eles uma especificidade: sua natureza verbal:

Quase não se levava em conta a questão lingüística geral do enunciado e dos seus tipos. Começando pela Antiguidade, estudavam-se os gêneros retóricos (demais, as épocas subseqüentes pouco acrescentaram à teoria antiga); [...] Estudavam-se, por último, também os gêneros discursivos do cotidiano (predominantemente as réplicas do diálogo cotidiano) e, ademais, precisamente do ponto de vista da lingüística geral (na escola de Saussure, em seus adeptos modernos – os estruturalistas, nos behavioristas americanos e, em bases lingüísticas totalmente distintas, nos seguidores de Vossler) (BAKHTIN, 2003, p. 263).

Bakhtin classificou os gêneros do discurso em *gêneros primários* e *gêneros secundários*. Os primeiros correspondem aos gêneros mais simples, tais como as réplicas dos diálogos do cotidiano e o relato do dia-a-dia, e os segundo

referem-se a gêneros mais complexos, como os romances, os dramas, as pesquisas científicas e os gêneros publicísticos, os quais emergem nas condições de um convívio social mais desenvolvido e organizado.

Tal diferença, para o autor, tem importância fundamental, pois a natureza do enunciado deve ser analisada em ambas as modalidades. Assim, a orientação unilateral centrada nos gêneros primários, do ponto de vista da lingüística geral, por exemplo, corre o risco de vulgarizar demasiadamente o problema, enquanto a ênfase exclusiva nos gêneros secundários pode deixar de levar em conta a incorporação e re-elaboração, em seu processo de formação, de

diversos gêneros primários, os quais integram a realidade concreta, em um texto literário, por exemplo, somente no conjunto da obra, isto é, como um acontecimento artístico-literário, e não como um evento da vida cotidiana. Em outras palavras, um diálogo cotidiano, quando inserido



Cena do filme *A vida é bela*, de Roberto Benigni (1997), destacando um diálogo entre pai e filho (Fonte: <http://dvdteca.folha.com.br>).

em um romance ou em uma peça de teatro, não é um diálogo real, mas verossímil.

O ENUNCIADO E A COMUNICAÇÃO DISCURSIVA

Um elemento de suma importância para se pensar os gêneros do discurso é o enunciado, pois os gêneros discursivos nada mais são do que tipos de enunciado. Para Bakhtin (2003, p. 265),

a língua só se faz parte integrante da vida quando formalizada em enunciados concretos, pois é através deles que a própria vida entra na língua. Ao tratar da questão do estilo, o autor afirma que nem todos os gêneros são propícios para um reflexo da individualidade do falante ou de quem escreve. Algumas réplicas do diálogo do cotidiano, por exemplo, ou as ordens militares, não se mostram tão adequadas para a expressão individual de quem as profere. Caso diferente é o dos gêneros literários, em que o estilo individual, como no gênero lírico, é parte constitutiva do próprio enunciado.

Desse modo, o estilo é um elemento indissolúvel dos gêneros do discurso, pois, se em cada campo de atividade humana são empregados gêneros correspondentes às suas condições de produção específicas, a cada gênero corresponde um determinado estilo. Da mesma forma, as mudanças históricas dos estilos de linguagem estão relacionadas às mudanças dos gêneros discursivos.

Tal fenômeno pode ser exemplificado com a História Literária.

Em cada época de desenvolvimento do que se convencionou chamar de “linguagem literária”, as inovações não provêm unicamente dos gêneros secundários, mas também dos primários, pois “toda ampliação da linguagem literária à custa das diversas camadas extra-literárias da língua nacional está intimamente ligada à penetração da linguagem literária em todos os gêneros” (BAKHTIN, 2003, p.



(Fonte: <http://www.educativa.org.br>).

268), causando assim a reconstrução e a renovação de todos os gêneros do discurso.

Outro aspecto de relevância no estudo dos gêneros discursivos diz respeito ao processo de comunicação discursiva, no qual todos os partícipes têm uma função amplamente ativa. A idéia de que, no processo de comunicação, existe um falante, ou emissor, e um ouvinte, ou receptor do discurso, que decodifica a mensagem e compreende passivamente o falante, é, para o autor, pura ficção, uma vez que o ouvinte, ao compreender o significado lingüístico do discurso, ocupa em relação a ele uma ativa posição responsiva, seja concordando ou discordando dele, seja completando-o ou aplicando-o. Assim, toda compreensão do enunciado vivo é prenhe de resposta, e esta se realiza até mesmo quando o ouvinte permanece em silêncio, a depender das circunstâncias da comunicação discursiva, e se torna falante (BAKHTIN, 2003, p. 271).

No caso das formas do gênero lírico, que foram concebidas para uma compreensão responsiva silenciosa, trata-se, segundo o autor, de uma compreensão responsiva de efeito retardado, pois o que foi ouvido, ou lido, manifesta sua resposta nos discursos subsequentes ou no comportamento do ouvinte ou leitor. Nessa perspectiva, todos os “gêneros da comunicação cultural” (os discursos científico e literário, por exemplo) foram concebidos para esse tipo de compreensão ativamente responsiva de efeito retardado.

Da mesma forma, o próprio falante, ou escritor, mesmo inconscientemente, não espera uma compreensão passiva, mas uma resposta, venha ela de forma silenciosa ou em longo prazo, mesmo porque seu próprio projeto de discurso é uma espécie de resposta a enunciados anteriores, num processo de (re)apropriação de enunciados seus e alheios que é idêntico à relação dialógica e histórica dos gêneros literários:

[...] todo falante é por si mesmo um respondente em maior ou menor grau: porque ele não é o primeiro falante, o primeiro a ter violado o eterno silêncio do universo, e

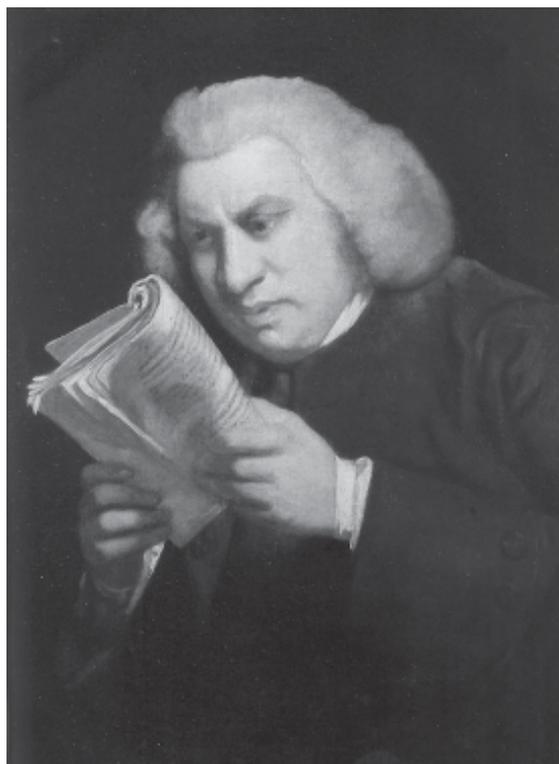
pressupõe não só a existência do sistema da língua que usa, mas também de alguns enunciados antecedentes – dos seus e alheios – com os quais o seu enunciado entra nessas ou naquelas relações (baseia-se neles, polemiza com eles, simplesmente os pressupõe já conhecidos do ouvinte). Cada enunciado é um elo na corrente complexamente organizada de outros enunciados (BAKHTIN, 2003, p. 272).

Sendo os gêneros do discurso tipos de enunciados, o enunciado é a “real unidade” da comunicação discursiva. Assim, independente de sua grande variedade de características e estruturas composicionais, todo enunciado possui limites bem precisos, os quais são definidos pela alternância dos sujeitos do discurso. Ele parte, em princípio, do enunciado dos outros e, em seguida, passa a palavra, por assim dizer, ao outro, ou aos outros, isto é, dá lugar à sua compreensão responsiva.

O gênero no qual essa alternância de sujeitos do discurso ocorre de modo mais evidente é o das réplicas do diálogo cotidiano, no qual as enunciações dos interlocutores, por mais breves, fragmentárias e silenciosas que sejam, possuem uma espécie de “conclusibilidade específica” (BAKHTIN, 2003, p. 275), pois exprimem certas posições do falante que suscitem respostas, ou posições responsivas, do ouvinte. Mas tal alternância pode ser observada também nos gêneros secundários (artísticos e científicos), especialmente nos gêneros literários, nos quais o enunciado, mesmo quando composto por gêneros primários como as réplicas do diálogo cotidiano, em um romance ou em uma peça de teatro, apresentam de modo explícito uma conclusibilidade, respondendo a enunciados (obras literárias) anteriores e prevendo compreensões responsivas de seus leitores, as quais, como já foram ditas, são de efeito retardado:

A obra [literária], como a réplica do diálogo está disposta para a resposta do outro (dos outros), para a sua ativa

compreensão responsiva, que pode assumir diferentes formas: influência educativa sobre os leitores, sobre suas convicções, respostas críticas, influência sobre seguidores e continuadores; ela determina as posições responsivas dos outros nas complexas condições de comunicação discursiva de um dado campo da cultura. A obra é um elo na cadeia da comunicação discursiva; com a réplica do diálogo, está vinculada a outras obras – enunciados: com aquelas às quais ela responde, e com aquelas que lhe respondem; ao mesmo tempo, à semelhança da réplica do diálogo, ela está separada daquelas pelos limites absolutos da alternância dos sujeitos do discurso (BAKHTIN, 2003, p. 279).



Retrato de Samuel Johnson, tela de Joshua Reynolds (Fonte: <http://upload.wikimedia.org>).

Desse modo, a conclusibilidade é um dos traços fundamentais do enunciado, uma vez que pressupõe uma relação dialógica e interativa com os enunciados antecedentes e com a(s) resposta(s) dele decorrente(s). Esse traço não pode ser percebido em unidades da língua, como a palavra e a oração, mas apenas nas unidades da comunicação discursiva. Nesse sentido, uma oração ou uma palavra só adquirem o estatuto de um enunciado pleno quando emolduradas pelos limites marcados pela alternância dos sujeitos do discurso. Dito de outro modo, o enunciado pode ser composto de uma ou mais palavras ou orações, que são seus elementos constitutivos, mas tais unidades da língua só adquirem sentido pleno quando empregadas em forma de enunciados, pois, em si mesmas, elas

não se relacionam com o contexto extra-verbal da realidade nem com a enunciação de outros falantes.

Assim, quando escolhemos uma oração – tal como “o sol saiu”, ou “a grama é verde” – não o fazemos por sua expressividade própria, por assim dizer, mas somente do ponto de vista do enunciado inteiro, que determina nossa escolha, pois uma oração, enquanto unidade da língua, não tem a capacidade de suscitar a posição responsiva do falante. Contudo, quando ela é usada de forma contextualizada, isto é, como enunciado pleno, adquire tal capacidade, na medida em que é completada por uma série de elementos de ordem não gramatical que lhe modificam a natureza.

Da mesma forma, quando nos deparamos com uma palavra pronunciada com entonação expressiva, em determinado contexto de comunicação discursiva – tais como “Ótimo!”, “Maravilha!”, etc. –, não estamos diante de uma palavra isolada como unidade da língua nem do seu significado lingüístico, mas de um enunciado acabado e com um sentido concreto. Assim, apesar da convicção, principalmente entre os estudiosos de Literatura, de que cada palavra tem ou pode ter uma carga emocional, uma “auréola estilística” ou um lastro sócio-histórico determinado, selecionamos palavras, em uma comunicação discursiva, não pelas suas potencialidades intrínsecas, mas em função de nosso projeto de discurso, isto é, pelo tom que elas podem dar à expressão de nosso enunciado. É isso que ocorre com o processo de criação do enunciado:

Quando escolhemos as palavras no processo de construção de um enunciado, nem de longe as tomamos sempre do sistema da língua em sua forma neutra, *lexicográfica*. Costumamos tirá-las de *outros enunciados* e antes de tudo de enunciados congêneres com o nosso, isto é, pelo tema, pela composição, pelo estilo; conseqüentemente, selecionamos as palavras segundo a sua especificação de gênero (BAKHTIN, 2003, p. 292-293).

O que assegura a inteireza do enunciado e sua possibilidade de resposta são, para Bakhtin, três fatores indissolivelmente relacionados:

1. a exauribilidade do objeto e do sentido, que pode ser plena em alguns campos da atividade humana, como o das ordens militares, nas quais o enunciado é padronizado e o elemento criativo do sujeito do discurso está quase ausente, e relativa nos gêneros secundários, quando o tema do enunciado é inexaurível e ganha uma conclusibilidade apenas relativa a certa situação do problema;
2. o projeto de discurso ou vontade de discurso do falante, que determina o todo do enunciado, seu volume e suas fronteiras, pois é a partir do que imaginamos o que o falante quer dizer que medimos a conclusibilidade do enunciado;
3. as formas típicas composicionais e de gênero do acabamento, que se faz ver pelo gênero discursivo escolhido pelo falante, determinado tanto pela sua posição institucional ou sócio-histórica quanto pela seleção lexical, estrutura gramatical, composicional ou estilística.

O ENUNCIADO E SEU DESTINATÁRIO

Como você já deve ter percebido, um elemento essencial do enunciado é o seu direcionamento a alguém, seu endereçamento. Ao contrário das unidades significativas da língua, que não tem autoria nem se destinam a ninguém, o enunciado tem autor e destinatário. Tal destinatário pode assumir várias formas: pode ser o interlocutor de um diálogo cotidiano; um grupo de especialistas em determinado campo da comunicação cultural; um povo; os contemporâneos; os correligionários; os adversários; uma pessoa íntima; um estranho; etc., a depender do campo de atividade humana e das especificidades do gênero discursivo. Desse modo, ao construir nossos enunciados, antecipamos, de maneira sistemática ou inconsciente, a(s) resposta(s) que eles podem suscitar, levando em conta

o lugar institucional ou sócio-histórico do(s) destinatário(s) e sua capacidade de compreensão responsiva. Tal consideração, por sua vez, acaba determinando a escolha do gênero, a seleção lexical, os procedimentos composicionais, os meios lingüísticos e o estilo do enunciado.

Como o próprio Bakhtin (2003, p. 305) admite, o problema da concepção do destinatário do discurso é de importância crucial para a história literária, pois cada época, para cada corrente literária e estilo artístico-literário, cada gênero literário no âmbito de uma época e cada corrente têm como características suas concepções específicas de destinatário da obra literária, a sensação especial e a compreensão do seu leitor, ouvinte, público, povo. O estudo histórico das mudanças dessas concepções é uma tarefa interessante e importante.

É já conhecida, no caso da Literatura Brasileira, a relação que Machado de Assis (1838-1908) mantinha com seus leitores. Segundo Guimarães (2004), o leitor é figurado, em seus primeiros romances, como um romântico a ser dissuadido do Romantismo, sendo utilizado o modo convencional que os românticos tinham de reivindicar veracidade para suas narrativas. Com o tempo, porém, essa entidade ficcional ganhou novas funções, sofrendo um processo de fragmentação e, às vezes, de dissolução no desenrolar da obra:

Do alvo de conversão dos primeiros romances, o leitor aparecerá como preenchedor de lacunas de *Dom Casmurro*, idéia que remete à concepção do texto como tecido composto de hiatos a serem preenchidos pelo leitor formulada pela chamada estética da recepção, e, em *Esau e Jacó*, como peça de um jogo de xadrez, metáfora muito semelhante às empregadas por Roland Barthes e Umberto Eco que comparam o texto literário ao lugar de um embate xadrezístico entre escritor e leitor (GUIMARÃES, 2004, p. 27).

Conforme o autor acima citado, as mudanças da percepção de Machado com relação ao seu público leitor tiveram implicações no modo como os narradores de seus romances se dirigiam a seus interlocutores. Desse modo, as representações do leitor ficcionalizado, como nos momentos em que o narrador de *Brás Cubas* dirige-se à sua “pálida leitora”, teriam relação direta com as projeções do escritor a respeito de seu interlocutor real ou imaginário. Dito em termos bakhtinianos, o estilo do enunciado do sujeito do discurso Machado de Assis é determinado, no processo de criação da obra literária, pelo modo como ele imaginava ser a compreensão responsiva de seu destinatário, buscando convertê-la ou subvertê-la através de recursos narrativos característicos do romance moderno, com os quais ele se traveste de narrador e os leitores reais tornam-se entidades ficcionais.



Cena do filme *Memórias Póstumas*, de André Klotzel (Fonte: <http://www.dsc.ufcg.edu.br>).

De acordo com o que foi exposto acima, podemos chegar ao seguinte raciocínio: se não aprendemos a composição vocabular e a estrutura gramatical de nossa língua materna

CONCLUSÃO

a partir de dicionários e gramáticas, mas através de enunciações concretas que ouvimos e reproduzimos em contextos reais de comunicação discursiva, e se aprender a falar significa aprender a construir enunciados, e não construir palavras ou orações, como afirma Bakhtin (2003, p. 283), só falamos mediante determinados gêneros do discurso, de modo que todos os nossos enunciados possuem “formas relativamente estáveis e típicas de construção do todo”.

Tais gêneros variam de acordo com a situação, a posição social e as relações pessoais de reciprocidade entre os participantes da comunicação discursiva, podendo ser padronizados ou formais, íntimos ou familiares. Eles podem também misturar-se, ou miscigenar-se, podendo ser objetos de reformulações livres e criadoras, como ocorre com os gêneros literários (ver Aula 5), mas a sua reformulação não implica a criação de um gênero totalmente novo, algo impossível, pois “é preciso dominar bem os gêneros para empregá-los livremente” (BAKHTIN, 2003, p. 284).

Portanto, no ensino da língua nacional ou das línguas estrangeiras, é preciso que o aluno não fique restrito às formas da língua – sua composição vocabular e a estrutura gramatical –, mas seja apresentado, de maneira sistemática e não prescritiva, às formas do enunciado, em seus variados gêneros, pois eles são tão indispensáveis quanto às formas da língua. Isso porque nenhum enunciado, a despeito de sua individualidade e do seu caráter eventualmente criativo, pode ser considerado uma livre combinação de unidades da língua, como pensava Saussure (1857-1913), mas apenas como representante típico de determinado gênero discursivo.

RESUMO



Na aula de hoje, caro aluno, vimos que há gêneros para todo tipo de manifestação verbal, oral ou escrita, e não somente para obras de arte ou textos literários, uma vez que todos os diversos campos da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem. Julgamos importante tal compreensão porque o profissional de Letras não pode se especializar em apenas um campo disciplinar da área, mas ter uma formação básica em todas as disciplinas do currículo, percebendo suas relações inter e transdisciplinares. Se a grande área ainda permanece fragmentada – Letras, Lingüística e Artes –, e se mesmo as *Diretrizes Curriculares dos Cursos de Letras* ainda bifurcam os conhecimentos do curso em lingüísticos e literários, cabe aos professores e tutores de todas as disciplinas dos cursos de Letras fazerem a ponte necessária, enfatizando a necessidade de estudar a linguagem em todos os seus aspectos. Como você deve estar lembrado, na primeira aula desta disciplina, aprendemos que a constituição acadêmica da Lingüística, bem como a expansão do Estruturalismo, nas primeiras décadas do século XX, teve papel fundamental na ascensão da Teoria da Literatura como campo de conhecimento. O próprio Bakhtin, assim como os Formalistas Rusos, é exemplo vivo desse intercâmbio entre conhecimentos lingüísticos e literários. Ele prova, em seus estudos, que, sem uma compreensão dos gêneros discursivos, torna-se insuficiente um estudo dos gêneros literários. Da mesma forma, ele mostra que estudar os gêneros discursivos primários sem ter noção dos gêneros literários é algo muito limitado. Principalmente para o profissional de Letras, ou seja, os professores de Língua e Literatura. Assim, nesta sexta aula, esperamos que você tenha aprendido a reconhecer as necessárias relações entre gêneros do discurso e gêneros literários. Estes podem ser concebidos como enunciados, pois os gêneros discursivos, e o literário é um deles, são tipos de enunciados, que por sua vez são formas mais ou menos estáveis de construção do discurso. Esperamos também que você tenha entendido que o enun-

ciado só é possível em uma situação de comunicação discursiva, que é caracterizada pela alternância dos sujeitos do discurso. Essa alternância determina os limites do enunciado, tanto em relação aos enunciados anteriores, dos quais é uma espécie de resposta, quanto às compreensões responsiva que suscita. Desse modo, o falante, ou o escritor, no caso dos gêneros literários, em seu projeto de discurso, ou no processo de construção de seu enunciado, dialoga tanto com os enunciados antecedentes quanto com o seu destinatário, cuja compreensão responsiva é antecipada, representada ou imaginada, inscrevendo-se, de várias maneiras, a depender do gênero discursivo, no próprio enunciado. Finalmente, você deve ter percebido que o enunciado não é uma unidade da língua, mas da comunicação discursiva. Palavras ou orações isoladas, desse modo, só “fazem sentido”, isto é, só se tornam enunciados plenos e concretos quando são partes constitutivas de um contexto de comunicação discursiva, cujas fronteiras são marcadas pela alternância, sempre responsiva e dialógica, dos sujeitos do discurso. Dessa forma, esperamos ter-lhe mostrado a importância do estudo dos gêneros do discurso, incluindo os literários, no ensino de línguas, nacional e estrangeiras.



ATIVIDADES

Responda às seguintes questões referentes ao texto desta aula:

1. Por que podemos conceber os gêneros literários como gêneros discursivos?
2. Como se dá a relação entre gêneros primários e gêneros secundários?
3. Podemos afirmar que os enunciados são sempre responsivos? Justifique a sua resposta.
4. Qual é a importância do destinatário para os gêneros discursivos, especialmente para os gêneros literários?
5. Escreva um pequeno relatório baseado nas discussões dos *chats* ou do fórum, a ser elaborado pelo tutor, sobre a importância do estudo dos gêneros do discurso no ensino de línguas, nacional ou estrangeiras.

COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

Essa atividade tem por finalidade principal fazer com que você construa uma síntese dos principais conteúdos dessa sexta aula, de modo a compreender criticamente o conceito de gêneros do discurso, bem como suas implicações no estudo dos gêneros literários, buscando compreender seus principais elementos constitutivos. Assim, as perguntas buscam explorar alguns conceitos bakhtinianos, tais como o de enunciado, comunicação discursiva e destinatário.

Na questão de número cinco, o tutor deve promover uma discussão, através de *chats* ou do fórum de discussão da plataforma *moodle*, acerca da importância do estudo dos gêneros do discurso no ensino de línguas, nacional ou estrangeiras, visando a produção de um relatório de, no máximo, uma página sobre o tema.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Tradução de Paulo Bezerra. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- GUIMARÃES, Hélio de Seixas. **Os leitores de Machado de Assis**: o romance machadiano e o público de literatura no século 19. São Paulo: Nankin Editorial / Editora da Universidade de São Paulo, 2004.
- OLIVEIRA, Luiz Eduardo; CORRÊA, Leda Pires. Notas sobre as Diretrizes Curriculares dos Cursos de Letras. In: ARAUJO, Maria Inêz Oliveira; OLIVEIRA, Luiz Eduardo. **Desafios da formação de professores para o século XXI**: o que deve ser ensinado? O que é aprendido? São Cristóvão: Editora UFS, 2008.